

UM POEMA DE HEROÍSMO: “ATALIBA, O VAQUEIRO” E A INAUGURAÇÃO DA PIAUIENSIDADE DA SECA.

Elson de Assis Rabelo* - UFPI

Os recentes estudos sobre a questão das identidades culturais, especialmente os estudos feitos no âmbito da história, têm nos conduzido a uma compreensão de que estudar a identidade é situá-la enquanto produto da cultura. Isto significa que a identidade cultural está inscrita no contexto dos sujeitos sociais que a engendram e, do mesmo modo, marcada pela relação que se estabelece com a diferença. Trata-se, no caso dos estudos históricos ambientados na questão das identidades, de considerar os deslocamentos que ocorrem com a linguagem, ao invés de imaginá-la assegurada como uma essência fixa, guardada no espaço, no tempo ou no interior dos indivíduos.

Neste sentido, pensar uma identidade cultural piauiense requer a iluminação, por parte de quem investiga essa *piauiensidade*, dos discursos e práticas que buscam registrá-la, com os recursos da linguagem e das demais estratégias da vida social. Nesta investigação, o diálogo entre História e Literatura entra pretendendo informar, segundo o olhar do presente, como a linguagem literária se posiciona socialmente enquanto produção discursiva, e como num passado articulado pelo historiador as identidades são propostas e apresentadas à sociedade pelo literato.

Francisco Gil Castelo Branco, literato piauiense e funcionário da corte imperial no Rio de Janeiro, em fins do século XIX, oferece, no romance *Ataliba, o vaqueiro*, tanto a descrição do sertão piauiense da região de Marvão – atual município de Castelo do Piauí – como a narrativa do *episódio da seca no Norte*, de 1877, no qual situa seus personagens com os impactos que a seca lhes causa. Assim, na forma inicial de folhetim

* Bolsista do PIBIC/CNPq com o Projeto Literatura Piauiense e Piauiensidade: uma investigação sobre a noção de identidade em clássicos da Literatura Piauiense, desenvolvido sob a orientação do Prof. Dr. Edwar de Alencar Castelo Branco, do Departamento de geografia e História da UFPI.

do jornal Diário de Notícias, da capital do Império, o romance é publicado buscando apresentar e instituir para a sociedade imperial uma realidade a ser subjetivada em setores mais amplos da nação. Para Francisco Gil, as pessoas do sertão do Norte vivem, sofrem, amam, com a mesma legitimidade daquelas do Rio ou da Europa.

Como toda identidade precisa de um *exterior constitutivo*, das bordas e fronteiras que a cercamⁱ, *Ataliba, o vaqueiro* pode ser lido a partir de uma relação estabelecida entre as diferenças – a origem piauiense do autor e o círculo social carioca no qual escrevia. Esta relação é harmônica. Sinal disso, na obra, é a comparação equitativa da *facilidade do improvisado e a riqueza de rimas que ocorrem aos sertanejos nos seus desafios* com os *nossos poetas líricos corretos*ⁱⁱ – então, o pronome *nossos* denota o lugar de onde e para onde fala Francisco Gil. Tal relação harmônica se explica, por um lado, pelo momento, anterior ao surgimento do recorte regional Nordeste, permeado que foi por tramas de poder e exclusão, desde o início do século XXⁱⁱⁱ, e, ligada a este primeiro fator, pela vigência de certa segurança no espaço sertanejo para o autor – *Ataliba, o vaqueiro* não é uma obra-testemunho de uma memória perdida, de um espaço fragmentado, arruinado ou propenso à revolta; no romance, o sertão está apenas distante do Rio de Janeiro; vive intensamente, ameaçado somente pela seca.

No seu contexto naturalista, o romance é marcado pela pureza, pela inocência, pelo heroísmo e bravura com que os personagens são compostos, pela identificação com o meio e pela distinção dos gêneros:

As filhas do sertão são como as suas flores campesinas; a arte não lhes realça o valor; desabrocham e fenecem ignoradas; mas a sua singeleza arrebatada, os seus perfumes embriagam, os seus matizes deslumbram.

Ai! daqueles que as viu! jamais as poderá esquecer!

São tão lindas! tão mimosas as flores dessas campinas e as filhas desses sertões!

Assim era Terezinha^{iv}.

São naturezas especiais as dos homens desses ermos longínquos; implacáveis no ódio, extremados no amor, fiéis à gratidão, morrem onde se prendem, como as lianas que se adunam às vetustas árvores das suas florestas.

Não se dobram aos meneios dos interesses, mas estalam fendidos pelas paixões, como os jatobás, que não se curvam ao sopro das ventanias e caem por terra em estilhaços, partidos pelo raio. Não recuam perante o perigo; tremem, entretanto, ouvindo história de duendes!^v

Tendo a Literatura o poder de nomear e organizar realidades^{vi}, *Ataliba, o vaqueiro* esquematiza aquele sertão oscilante: no início, é o lugar da brisa, do *céu diáfano*, do verdor de campos floridos, do amor celebrado no noivado; logo depois, se torna o lugar de *aspecto lúgubre*, da tristeza, do flagelo e dos infortúnios (seca, doença, morte, ataque de onça, incêndio).

Este lugar remoto e isolado é determinante, no romance, para o caráter de seus habitantes: a coragem, mas também o respeito e *uma espécie de culto à virgindade^{vii}*. que *Ataliba* possuía, como todos os *moços sertanejos*; Terezinha com sua *beleza peregrina*, com sua castidade sedutora, sua sensibilidade feminina transformada em firmeza ante as tribulações da seca; as crenças de tia Deodata; o escravo Cassange, festivo e amigo de seus amos. As relações entre os personagens são colocadas também como próprias do sertão: *lá o amor puro vinga uma única vez naqueles largos peitos encourados dos rústicos vaqueiros, e nos corações das pobres donzelas^{viii}*, é onde se celebram os

folguedos e vaquejadas, com a cachaça, a coalhada, as palmas, as cantigas, os desafios, animados *pela inocente expansão da amizade e pelos castos enlevos do amor*^x. Encontra-se, nessas exposições do espaço, a necessária classificação e caracterização que ajudam a definir a identidade^x.

Antecipa-se, assim, uma tendência literária forte e recorrente no século XX: a representação da seca, acompanhada da migração e do messianismo, como características de uma região discursivamente instituída o que viria a ser explorado pelo romance de trinta, e o próprio *romance social* de Fontes Ibiapina, outro literato piauiense, os quais se encaixam nas formações discursivas da sociedade brasileira que se empregaram em dar as feições do Nordeste. Depara-se aqui com outra faculdade da Literatura, a de adiantar-se no tempo, fazendo referência a um *repertório* das virtualidades da história^{xi}.

Ataliba, o vaqueiro, apesar de grandemente desconhecido, contém descrições da seca de 1877 semelhantes àquelas que se tornaram clássicas e caras ao chamado romance da seca, quer retratasse a de 1915, 1932, etc.

(...) as ossadas alvacentas e esparsas por essas campinas, outrora resplendentes de vegetação, cheias de harmonia e, agora, tão desertas, silentes e pavorosas, desdobravam-se à vista do vaqueiro como um cemitério extenso, interminável! (...)^{xii}.

Ao abordar a migração, o romance de Francisco Gil não faz referência à urbanidade moderna, destino dos retirantes nordestinos do século XX. Aqueles *beduínos no deserto* piauiense migram apenas para fugir da seca, rumo a Marvão ou à capital da Província (Teresina). Não há projeção de esperanças sobre um espaço urbano idealizado, como viriam a acontecer com as grandes capitais do Sul, após a invenção do Nordeste.

Assim como no romance de trinta, em Francisco Gil, a migração acirra o essencialismo identitário que caracteriza a ligação dos sujeitos com a terra:

(...) A execução desse ato [a migração] era para esta pobre gente um poema de heroísmo, em cada árvore, em cada pedra, em cada recanto dessas campinas desoladas, deixavam uma reminiscência, uma saudade, um companheiro de infância — um pedaço d'alma!^{xiii}.

Se as identidades precisam ser representadas, mediante *sistemas materiais e simbólicos de signos*, a Literatura piauiense, com Francisco Gil, ainda no século XIX, de certo modo inaugurou a piauiensidade pela representação da seca, através da simbolização de sua percepção do Piauí, especificamente do interior de Marvão. A representação se torna apresentação a partir do momento que se torna não apenas a forma de conhecimento e apreensão do real, mas sua instituição, passando a determinar sua existência pela palavra, pelos atos lingüísticos.

Estando a identidade entre as instituições que passam por essa *performatividade*, processo que inclui também a necessidade de repetição discursiva até que seja efetivada^{xiv}, *Ataliba, o vaqueiro* demonstra como as *caras* do Nordeste, entre as quais a seca e a migração, foram reiteradas paulatinamente pela Literatura, e por outros meios, até a subjetivação e a pretensa fixação da identidade.

ⁱ HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? IN: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 110-11.

-
- ii CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. *Ataliba o Vaqueiro*. Episódio da seca no Norte. Teresina: Corisco, 2001. p. 51.
- iii ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste* e outras artes. São Paulo: Cortez, 2001.
- iv CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. *Ataliba, o Vaqueiro*. Episódio da seca no Norte. Teresina: Corisco, 2001. p. 29.
- v Idem. *Ibidem*. p. 32.
- vi ANTUNES, Nana Maria de Maia. Caras no espelho: identidade nordestina através da literatura. IN: BURITY, Joanildo. *Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares*. p.127-128.
- vii CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. *Op. Cit.*. p. 34.
- viii Idem. *Ibidem*. Idem.
- ix Idem. *Ibidem*. p. 53
- x SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2003.
- xi QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. História e Literatura: um olhar sobre as fontes. Teresina: *Cadernos de Teresina*. Fundação Cultural Monsenhor Chaves, dezembro/1996. p. 76 ; ANTUNES, Nana Maria de Maia. *Op. Cit.* p.127.
- xii CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. *Op. Cit.* P. 73.
- xiii Idem. *Ibidem*. P. 58-9
- xiv SILVA, Tomaz Tadeu da. *Op. Cit.* P. 94.